



Poéticas da desigualdade social no romance brasileiro contemporâneo

Gabriel Estides Delgado*

A violência da desigualdade social brasileira, atualizada sob mantras liberais, não deixa espaço para posicionamentos ingênuos: o exercício artístico e crítico, ainda que se eximindo da denúncia ou de seu próprio impasse moral, correrá sempre o risco de ter sua abstenção duramente reposta no universo de relações do qual é uma das peças. A tradição literária de desconfiança estruturante ancorada na fase madura de Machado de Assis segue, portanto, como lastro necessário de composição e leitura das obras que conseguem alcançar, justamente pela objetivação da carga relacional que as possibilita, figurações consequentes da trama histórica brasileira.

No panorama internacional, entre os contemporâneos de Machado, o mesmo problema se impunha, ainda que sobre estratificações sociais de desenho histórico particular. Roberto Schwarz cita Flaubert, Zola, Henry James e Dostoiévski como exemplos de formulação capazes de responder, por uma espécie de equivocidade narrativa presente desde Stendhal (Perrone-Moisés: 1990, 27), ao plano de oposição e violência que levou, no pior de seus lances, ao massacre dos trabalhadores insurrectos em junho de 1848 em Paris.

* Doutorando em Literatura na Universidade de Brasília (UnB).

Para enfrentar o primado da desinteligência social, horizonte epistemológico novo, que dificultava o papel do narrador e lhe tornava problemática a desenvoltura opinativa, os romancistas mais consequentes trataram de inventar soluções técnicas a que não se pudesse objetar parcialidade. Fizeram parte do quadro o esforço metódico da impessoalidade (Flaubert), a tentativa de dar padrão científico à ficção (Zola), o reconhecimento dos problemas ligados ao ponto de vista (Henry James), a utilização demonstrativa da primeira pessoa do singular – o prisma espontâneo por excelência – em espírito de exposição dela mesma, como se a pessoa fosse a terceira (Dostoiévski nas *Memórias do subsolo*) (Schwarz: 2012, 179-180).

De modo paradoxal, apenas por se colocar em tal suspeição, foi possível à burguesia literata se achar em condições de seguir com seu ímpeto figurativo. A virada machadiana na literatura brasileira corresponde a tal padrão literário moderno, e na exigência de seu perspectivismo irá transpor o engodo ideológico a que a afirmação da nacionalidade obrigava, como no caso de seus antecessores arcades ou românticos (Schwarz: 2012, 188).

Desde então, a produção nacional opera por conhecimento negativo da realidade com a qual trabalha, malgrado a euforia estética de descobertas do primeiro Modernismo, no que se convencionou chamar de “fase heroica”, em que ainda havia confiança no estatuto brasileiro de “país novo”, traduzida, por exemplo, no humorismo e na vitalidade das composições (Lafetá: 1974, 11-9).

Da consciência pessimista do subdesenvolvimento nos anos 1930 (Lafetá: 1974, 18) à literatura engajada dos anos 1970

(Dalcastagnè: 1996), tem-se visto atualizado, de diferentes modos, o mal-estar das classes dirigentes brasileiras, condenadas, nas palavras de Schwarz, “a uma como que ilegalidade estrutural” (2012, 184). A exemplo dos vínculos estabelecidos por Machado com o realismo do século XIX posto à prova, a sistematização poética do problema prossegue levada a cabo no século XX por uma tradição que o aprofunda.

Ao equacionar sua dependência em relação a matrizes formais externas (Candido: 1989, 151-6), essa tradição vê-se novamente em condições de diálogo, em um movimento de incorporação que se quer original e também produtivo, com os novos instrumentos narrativos forjados, agora, pela pura negatividade das vanguardas ou por seus epígonos não menos exigentes. Nas palavras de Antonio Candido sobre a obra de Vargas Llosa, mas que julgamos extensíveis à dinâmica brasileira:

[O] romancista do país subdesenvolvido recebeu ingredientes que lhe vêm por empréstimo cultural dos países de que costumamos receber as fórmulas literárias. Mas ajustou-as em profundidade ao seu desígnio, para representar problemas de seu próprio país, compondo uma fórmula peculiar. Não há imitação nem reprodução mecânica. Há participação nos recursos que se tornaram bem comuns através do estado de dependência, contribuindo para fazer deste uma interdependência (Candido: 1989, 155).

Escusado dizer que tal intercâmbio está ainda hoje no caso brasileiro incontornavelmente barrado pelos limites de uma língua desconhecida (Candido: 1989, 153), assim como as inovações macha-

dianas – frutos do substrato local – restavam impedidas de retornar, à época, a suas fontes declaradas.¹

É a partir dessa sedimentação, cujo começo reativo é composto pelos romances de maturidade de Machado, que parte da literatura brasileira contemporânea irá pensar sua poética. Se em um primeiro momento da modernização à brasileira, entre Independência (1822) e Proclamação da República (1889), o ideário liberal importado carecia de substância prática – sendo o engodo por isso mesmo tão bem notado pelo escritor mestiço –, a figuração simbólica do drama brasileiro contemporâneo, passado um século de implementação efetiva da sociedade de classes, deverá se ater à continuação moderna desse mesmo dispositivo ideológico, que fundamentava a convivência dos outrora senhores com a desigualdade. É que, em um processo que culminará com a Abolição (1888), já não será possível contemporizar a “abjeção arcaica” que as perspectivas oitocentistas burguesas revelam no sistema produtivo local (Schwarz: 2012, 35-40). Desse modo, a elaboração contemporânea do imaginário brasileiro terá como base de trabalho, quando não sintomaticamente ignorada, os mecanismos de naturalização da desigualdade social que – respondendo de maneira convincente àqueles mesmos imperativos de cidadania que obrigaram a Abolição – impedem a reforma.

A atualização desse quadro persistente se fundamenta, como se sabe, na acomodação conservadora do sistema produtivo escravocrata à nova ordem do capital. Logo, a integração do negro

¹ Em uma espécie de prólogo (“Ao leitor”), o defunto narrador de *Memórias póstumas de Brás Cubas* quer irmanar sua empresa a Stendhal (1783-1842), Laurence Sterne (1713-1768) e Xavier de Maistre (1763-1852), citados diretamente (Assis: s.d., 21).

na sociedade de classes converteu-se, na expressão cunhada por Rui Barbosa (Fernandes: 2008, 29), em “ironia atroz”. A substituição da mão de obra escrava ampliou o abismo brasileiro ao impor aos libertos a concorrência desleal tanto com os chamados “trabalhadores nacionais”, mantidos, até então, “fora de atividades produtivas, em regiões prósperas, em virtude da degradação do trabalho escravo”, quanto, principalmente, com os imigrantes que – é certo, também pobres – passavam ao largo do preconceito de cor e, não menos importante nesse caso, eram com frequência, como demonstrou Florestan Fernandes (2008, 31), mais afeitos ao novo regime de trabalho.

Com o abandono do liberto à própria sorte, o ideário liberal importado do exemplo inglês ou francês, de soberania nacional com cidadania generalizada – baseado nos pilares de estado nacional, trabalho livre, liberdade de expressão, igualdade perante a lei –, antes flagrantemente dissociado das práticas brasileiras (Schwarz: 2012, 36-7), assume eficácia moderna, ainda que periférica e tardia.

Na adaptação brasileira ao desenho institucional que logrou êxito nas nações centrais e impôs-se como padrão de civilização dominante (Souza: 2003, 129-136), a saga do povo negro conformará o caráter local e violento das práticas liberais competitivas. Até 1888, a erudição, ilustração e graça do narrador machadiano ficavam duramente rebaixadas pelo contexto que acanalhava sua desenvoltura, como bem mostrou Roberto Schwarz (2012, 183-4). No entanto, a suspeição da capacidade figurativa e narrativa já era, como vimos, contingência moderna, dados os caminhos sombrios que as revoluções burguesas haviam tomado desde junho de 1848. A história brasileira atualizou *a seu modo*, pelo fracasso de uma mo-

dernização que se fez seletiva,² os constrangimentos que exigiam dos contemporâneos de Machado novas soluções formais. Superada a escravidão e o longo pesadelo político e social do século XX, *imitado* sem apelo pelas vanguardas, resta à parte da literatura brasileira contemporânea um desassossego fundamental que a motiva.

É que, imersa em mantras³ e práticas liberais, a sociedade contemporânea brasileira paga tributos ideológicos e se curva moralmente às novas estratificações que resultam em grande parte da relegação das populações negras ao abandono. Sem a pecha do segregacionismo estabelecido de modo direto e pessoal, o acanalhamento e a desfaçatez que Machado impingia aos outrora senhores aparecem sob novas e mais complexas máscaras no Brasil atual.

Rubens Figueiredo e Chico Buarque almejam plasmar essas novas “desfaçatezes”. Procuram, pois, mecanismos narrativos que assumam como problema intrínseco a eficácia ideológica dos arranjos que vêm sustentando em nossa época a exploração e a desigualdade. Para tal, trazem para o centro de suas enunciações o dilema que, não sem culpa, enfrentam.

Leite derramado

Em *Leite derramado*, romance de 2009, Buarque recupera o gênio machadiano de desmascaramento ideológico que, no limite, a depender do caso, cumpliciava narrador e leitores. A fórmula – au-

² A expressão é do sociólogo Jessé Souza (2000).

³ O que dizer, por exemplo, da verdadeira magia a enfaixar termos e expressões como “neutralidade”, “imparcialidade”, “meritocracia” etc., cuja legitimidade incontestada surge na própria pronúncia e repetição das fórmulas?

toexposição “involuntária” a partir do uso instrumental da primeira pessoa do singular (Schwarz: 2012, 82) – é atualizada às circunstâncias do Brasil do século XXI graças à idade centenária de Eulálio Montenegro d’Assumpção, narrador a partir do qual a obra se erige.

Eulálio está internado em um hospital “infecto” (Buarque: 2009, 49), segundo suas palavras. Além da senilidade, que compromete a memória, há o efeito da morfina; somados, são fatores que afrouxam o juízo do idoso. Fica exposto desse modo – acentuado – o desnível geracional de ideias e práticas. Tal contraste pouca força teria se servisse apenas para sublinhar o racismo e o arbítrio de famílias proprietárias antigas como a de Eulálio. A ideologia a que o monólogo do narrador dá vazão é tão antiga que, talvez por essa distância, tenha se tornado clara às novas gerações. Portanto, fica prontamente rechaçada como entulho preconceituoso pelo leitor esclarecido.

O aproveitamento propriamente contemporâneo do romance não se baseia diretamente, então, no discurso envelhecido, que – pode-se acompanhar ao longo do monólogo – é responsável por isolar ainda mais o narrador. Nota-se, pelas reações de Eulálio, que a equipe médica e os demais pacientes, com os quais divide a enfermaria, têm pouca paciência em ouvi-lo; quando muito, torna-se atração da curiosidade de quem nele estranha os cem anos de vida. No entanto, ao entrar em contato com uma realidade além da capacidade apreensiva de sua geração, Eulálio ignora a nova cosmologia ideológica que rege as diferenças sociais, ainda flagrantes, de nossa época. É desse modo que, ao narrar episódios vividos em pleno século XXI, o faz com um estranhamento característico de quem não domina os códigos em jogo. Ou pior, busca decifrá-los com suas velhas ferramentas ideológicas, hoje rechaçadas ao nível do discurso. Relembrando a mudança

de residência para a periferia do Rio de Janeiro, em uma das muitas passagens tragicômicas do livro, Eulálio afeta intimidade e desenvoltura, ao tentar combater a consternação de sua filha igualmente idosa: “São os pobres, expliquei” (Buarque: 2009, 177).

Acresce que Eulálio não possui o talento de seus próceres, por ele tão exaltados, e, desde jovem, talvez apenas reagindo à parte da história decadente que já então começava a ser-lhe imposta, mostra-se pouco racional. É assim que, por exemplo, entre as sete filhas de um correligionário do pai, vê-se tomado de paixão por Matilde, moça de pele mais escura que as irmãs, com quem se casa, herdando tanto a desaprovação da própria família quanto a indiferença dos sogros, que, apesar de ricos, não reconhecem completamente Matilde como filha. Isto porque, presumivelmente nascida de um caso extraconjugal – como o leitor depois descobrirá –, Matilde é apenas criada como se da família fosse (Buarque: 2009, 73 e 192).

A escolha matrimonial é parte de um trajeto que passa ao largo da lição dada pela genealogia familiar do narrador. Bisneto de barão negro, Eulálio tem por avô um defensor do Império e aplicado abolicionista. Já o pai é um republicano de primeira hora, galgando posições políticas e econômicas de destaque equivalente às ocupadas pelas gerações anteriores (Buarque: 2009, 52). As mudanças do desenho institucional do país, às quais os imperativos da economia local dependente compulsam, fazem-se acompanhar por fundamentação ideológica compatível. Não raro havendo, como mostrou o já clássico ensaio de Roberto Schwarz (2000, 10-31), antecedência das ideias em relação às práticas. O fato é que a família de Eulálio, protótipo da família tradicional proprietária brasileira, adequa-se com facilidade aos rumos tomados pela modernização no país.

Eulálio, todavia, vê-se capturado pela passionalidade de suas decisões. Se por um lado elas destoam completamente do cálculo e da resiliência “exemplares” de seus antepassados, por outro lado apenas continuam o desequilíbrio do pai, que já dava provas dos limites de poder da família que coube ao narrador continuar. No entanto, a trajetória de decadência dos Assumpção – que passam da grande burguesia à pobreza em um século – é caso, por assim dizer, literário. Entre os cacos da memória preservada pelo narrador, o que se vê por todo lado são histórias de perpetuação de uma classe ao longo do tempo, colhidas pela perspectiva deslocada de Eulálio. Assim, por exemplo, enquanto o pai do narrador, político proeminente da Primeira República (1890-1930), é assassinado em um crime de “honra” – quando um marido enganado põe fim à conduta irrefreável⁴ do senador –, o sogro de Eulálio passa à cúpula do governo Vargas (Buarque: 2009, 190-1). Aqui, como se vê, ao renegar a filha ilegítima que criara sem amor, o político “habilidoso” que aderira a Vargas ajuda a selar o destino de dificuldades reservado ao narrador centenário.

⁴ A imagem da falta de limites a que o privilégio leva a flertar tem caráter sensual, encontrando aí uma de suas vias elementares de imposição:

Se desejo era aquilo, posso dizer que antes de Matilde eu era casto. Quem sabe se, inadvertidamente, eu não teria me apossado da volúpia do meu pai, assim como da noite para o dia herdara gravatas, charutos, negócios, bens imóveis e uma possível carreira na política. Foi meu pai quem me apresentou às mulheres em Paris, contudo mais que as próprias francesas, sempre me impressionou o seu olhar para elas. Assim como o aroma das mulheres daqui não me impressionava tanto quanto o cheiro dele, impregnado na garçonnière que ele me emprestava. Debaixo do chuveiro eu agora me olhava quase com medo, imaginando em meu corpo toda a força e a insaciedade do meu pai. Olhando meu corpo, tive a sensação de possuir um desejo potencial

Caberá ao leitor enxergar, nas situações impelidas pela decadência de Eulálio, das quais a imagem final é seu convívio com pacientes negros em um hospital público de péssima estrutura e atendimento (Buarque: 2009, 49-50), a continuidade contemporânea dos padrões hierárquicos que estão na base das concepções preconceituosas da personagem. Rechaçadas ao nível do discurso e da consciência, as velhas ideias do narrador, que se fazem acompanhar por façanhas de outros tempos – mesmo de modo insuspeito, posto que naturalizado –, têm sua dinâmica valorativa e relacional *atualizada* nos episódios que surpreendem o ancião em pleno século XXI:

Estou neste hospital infecto, e aí não vai intenção de ofender os presentes. Não sei quem são vocês, não conheço seus nomes, mal posso virar o pescoço para ver que cara têm. Ouço suas vozes, e posso deduzir que são pessoas do povo, sem grandes luzes, mas minha linhagem não faz melhor que ninguém. Aqui

equivalente ao dele, por todas as fêmeas do mundo, porém concentrado numa só mulher (Buarque: 2009, 32-3).

Nesse terreno em que tudo é repressão, a conduta incontida do pai grava-se com ainda maior gravidade no imaginário do filho:

Porque com seus olhos apenas, aqueles olhos meio árabes, Matilde dava a entender seus menores movimentos de corpo, o sutil balanceio dos seus quadris, e tive de correr para casa, eu precisava de um banho fresco. E debaixo do banho observei meu corpo fremente [...]. Só sei que me olhava quase com medo, sem compreender a intensidade daquele meu desejo. E tive a sensação absurda de que, na minha mão, estava o pau duro do meu pai (Buarque: 2009, 138-9).

não gozo privilégios, grito de dor e não me dão meus opiáceos, dormimos todos em camas rangedoras. Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive berço. Ninguém vai querer saber se porventura meu trisavô desembarcou no Brasil com a corte portuguesa. De nada adianta me gabar de ele ter sido confidente de dona Maria Louca, se aqui ninguém faz ideia de quem foi essa rainha. Hoje sou da escória igual a vocês, e antes que me internassem, morava com minha filha de favor numa casa de um só cômodo nos cafundós. Mal posso pagar meus cigarros, nem tenho trajes apropriados para sair de casa. Do meu último passeio, só me lembro por causa de uma desavença com um chofer de praça. Ele não queria me esperar meia horinha em frente ao cemitério São João Batista, e como se dirigisse a mim de forma rude, perdi a cabeça e alcei a voz, escute aqui, senhor, eu sou bisneto do barão dos Arcos. Aí ele me mandou tomar no cu mais o barão, desaforo que nem lhe posso censurar. Fazia muito calor no carro, ele era um mulato suarento, e eu a me dar ares de fidalgo. Agi como um esnobe, que como vocês devem saber, significa indivíduo sem nobreza. Muitos de vocês, se não todos aqui, têm ascendentes escravos, por isso afirmo com orgulho que meu avô foi um grande benfeitor da raça negra (Buarque: 2009, 49-50).

Passageiro do fim do dia

É à naturalização da desigualdade em tempos democráticos que se voltam as preocupações de Rubens Figueiredo em *Passageiro do fim do dia*, de 2010. O intento do autor junta-se ao de Chico Buarque em sua tentativa de estranhamento sistemático e contra-hegemônico da realidade brasileira atual. Ao segregacionismo que a nova ordem

competitiva segue infligindo aos setores marginais da população, incapazes de preencher os requisitos mínimos de acesso a posições, bens e serviços, Buarque e Figueiredo contrapõem painéis negativos de assimilação do cotidiano.

Para Buarque, a maneira de trazer à tona o que resta rotinizado se fundamentou, como visto, na construção de um narrador antiquado e socialmente deslocado. Desse modo, seus vitupérios contra o mundo – uma vez perdido o privilégio – tornam explícito, por um discurso que pouco se refreia, o cisma hierárquico presente nas relações assimétricas que o narrador acentua e retira – de modo, é certo, a aumentar-lhes a violência – da placidez evasiva dos novos consensos de classe. Para Figueiredo, o caminho é mais circunspecto e cerrado, isto é, contrapõe-se à fala frouxa do narrador acamado de Buarque.

Isso se revelará na descrição minuciosa dos espaços percorridos por Pedro, o protagonista. Tal técnica – que é, claro, antes de tudo, artifício de seleção dos componentes da trama – baseia-se no ímpeto de elaboração que os fatos da vida de Pedro levam-no a operar de modo a contrapor sistematicamente o que se lhe oferece à sensibilidade.

Filho de um funcionário da Justiça que lega à mãe de Pedro situação remediada, com pensão e apartamento simples em bairro bem localizado, o protagonista, apesar de rapaz inteligente, como nota seu melhor amigo, é aluno medíocre de Direito e acaba por abandonar a faculdade pública na qual ingressara. Na falta de vocação para os estudos formais, vê-se desempregado. Incursa, assim, desavisadamente, no comércio ambulante de livros usados. É quando em um episódio traumático, em meio a uma manifestação de rua violenta, a jovem personagem, desatenta aos perigos e meandros de tal tipo de comércio, que lhe escapam, é surpreendida em pleno

centro do combate com a polícia. Tem pisoteada uma das pernas, cujo tornozelo é estraçalhado pelo casco de um cavalo da tropa policial montada (Figueiredo: 2010, 28, 73-4).

O acontecimento, que revelará a Pedro sua fragilidade, é a pedra de toque da narrativa. Isso porque permite ao narrador em terceira pessoa, colado à perspectiva abalada do protagonista, despistar qualquer ingerência: faculta-se a invectiva autoral – que, assim como em *Leite derramado*, tem caráter reformador – aos pensamentos turbilhonados de Pedro, personagem em crise, afastando, pois, o traço panfletário que o texto porventura tenha. O entendimento propriamente negativo que a obra pode compor, como convém à tradição a que se filia,⁵ está, portanto, nos limites de ação da personagem; ou no reconhecimento autoral dos complexos e da impotência de que o romance quer se aproximar.

Entretanto, a suscetibilidade de Pedro, apesar de alimentada anos depois do acidente pelo desconforto físico na perna – cuja reconstituição cirúrgica, ele presume, feita “mal e porcamente” em um hospital público (Figueiredo: 2010, 15-42), lhe havia legado dores permanentes –, não é manifestada a ponto de se tornar explícita. Fica, antes, dirimida pela personalidade discreta da personagem, acompanhada pela contenção da escrita.

Após ganhar uma indenização pelos danos sofridos, Pedro abre um sebo em sociedade com o amigo advogado que lhe estimulou

⁵ É preciso recuperar o diálogo fundamental que Figueiredo mantém com o romance social russo. Em sua profícua carreira de tradutor, verteu para o português *Guerra e paz* (1894), de Tolstói, *Infância* (1913-4) e *Minhas universidades* (1923), de Górkí, entre outros títulos importantes.

a entrar com processo de reparação. É na firma de advocacia onde o amigo trabalha que o protagonista conhecerá sua futura namorada, Rosane (Figueiredo: 2010, 45-8). Com a moça, jovem de extração social distante – é secretária e copeira da firma de advocacia⁶ –, Pedro inicia, em meio à carência que reconhece em si (Figueiredo: 2010, 47), relação improvável e marcada por assimetrias. Desse modo, entre a persistência da dor e o cansaço da semana de trabalho, embarca em uma sexta-feira, como vinha fazendo há meses, em direção ao bairro periférico de Rosane, para passar o fim de semana com a namorada (Figueiredo: 2010, 9). A viagem de ônibus de quase quarenta quilômetros (Figueiredo: 2010, 56) é o palco das reflexões de Pedro, apuradas ainda por outras duas contingências. A primeira retarda o percurso já longo e exaustivo, imprimindo-lhe outra carga de tensão, a saber: o bairro-dormitório a que todos se dirigem vive um motim que, se por um lado é frequente naquela paragem, por outro ameaça interromper a viagem, sob risco de o ônibus ser incendiado. A segunda contingência é íntima e diz respeito apenas a Pedro. Horas antes, um freguês havia comentado a respeito da boa introdução que um livro sobre a vida de Darwin fazia do evolucionismo. Nada que pudesse *a priori* atrair a atenção de Pedro. No entanto, a personagem percebe, o exemplar é igual a um dos livros que anos antes tentara vender nas ruas. E justamente esse livro sua memória fixara como parte do acidente traumático a que fora exposto. Guardara consigo a imagem de um exemplar com a mesma capa sendo chutado sucessivas vezes por pessoas em fuga, enquanto ele ainda não podia prever a

⁶ A moça irá, depois, indicada pelo namorado, conseguir melhor colocação (Figueiredo: 2010, 60).

extensão do golpe (Figueiredo: 2010, 14). É esse livro que Pedro traz consigo na viagem.

Premido no ônibus lotado e tenso, a personagem folheará passagens que dão conta da visita de Darwin àquele mesmo território onde está Pedro, o Rio de Janeiro. Entre as observações do cientista sobre a encarniçada luta por sobrevivência assistida na incrível variedade tropical de aranhas (Figueiredo: 2010, 160), uma cena chama a atenção de Pedro. É quando Darwin deixa-se conduzir por um escravo brasileiro na passagem de um rio. Furioso com o homem negro, que não compreende sua língua e nem seus gestos, o cientista acha-se no direito de falar cada vez mais alto àquele escravo “de todo imbecil”, nas palavras do naturalista (Figueiredo: 2010, 66). Em um de seus movimentos furibundos, sua mão passa rente à cara do escravo. A reação apavorada do sujeito, como a abrandar o golpe que julga iminente, consterna Darwin. Culpado por dar a entender que agrediria o escravo, mesmo não sendo esse seu intento, o naturalista relata a degradação a que o escravagismo havia conduzido. A imagem volteia na cabeça de Pedro e é como que fecundada por suas experiências pessoais. Dará, assim, origem ao jogo de alusões que faz a força do romance. São planos opositivos – como o do cientista e o escravo, ou o do cientista britânico e sua relação instrumental com o Brasil, de cujo solo recolhe amostras e parte para nunca mais voltar –, contrastes cuja complementariedade lembra a fórmula trotskista de “desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo”, e que irão assomar violentamente à consciência deslocada de Pedro, um século e meio após a expedição de Darwin ao Brasil. Deslocado em relação ao próprio corpo, deslocado em relação a Rosane, deslocado em relação ao espaço do bairro longínquo, visitado apenas nos finais de semana, e, portanto, em condição simetricamente oposta

aos demais passageiros do ônibus, cuja homogeneidade destoava de si – como um cientista em território alheio –, Pedro detecta:

E pronto: ali estava um bom exemplo do que acontecia tantas vezes com Pedro. Ele sabia disso. De devaneio em devaneio, de desvio em desvio, seus pensamentos se precipitavam para longe, se desgarravam uns dos outros e no fim, em geral, acabavam se pulverizando sem deixar qualquer traço do que tinham sido, do que tinham acumulado. Às vezes, no entanto, ali mesmo na fila do ônibus, no meio daquelas pessoas, suas ideias perdidas voltavam atrás, de todas as direções, convergiam de um salto e Pedro, surpreso e até assustado, dava de cara com a pergunta: *Por que eles permitem que eu fique aqui? Por que não me expulsam, como é do seu direito?* (Figueiredo: 2010, 10).

Seja por uma objetividade empenhada (que, no entanto, não ousa ultrapassar e, por assim dizer, normatizar a contingencialidade da experiência e da consciência em tela), como no caso de *Passageiro do fim do dia*, seja pela ironia verborrágica de *Leite derramado* e sua incontinência autodenunciadora, o intuito dessa literatura, como se vê, é o de sondar sua inserção na conjuntura social sem perder de vista a pouca importância, desconfiança e, por fim, indiferença, que lhe devotam aqueles de cujo trabalho seguirá em dívida.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Garnier, s.d. (1880).
- BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CANDIDO, Antonio. "Literatura e subdesenvolvimento". In: _____. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1989, pp. 140-62.
- DALCASTAGNÊ, Regina. *O espaço da dor: o regime de 64 no romance brasileiro*. Brasília: Editora da UnB, 1996.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes: (o legado da "raça branca")*, v. 1. São Paulo: Globo, 2008.
- FIGUEIREDO, Rubens. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. "Stendhal e a era da suspeita". In: _____. *Flores da escrivania: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 21-8.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.
- _____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.
- SOUZA, Jessé. *A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Editora da UnB, 2000.
- _____. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

Resumo

Expedientes narrativos de Chico Buarque e Rubens Figueiredo são analisados de maneira a desvendar como a carga social brasileira faz-se presente em sua constituição. Não porque apenas tematizam a violência da desigualdade em *Leite derramado* (2009) e *Passageiro do fim do dia* (2010), mas pelo enfrentamento poético da matéria que, cada autor à sua maneira, assumem. Para traçar uma linha de afiliação da criticidade presente em ambas as obras, remonta-se à poética de Machado de Assis, bem como às marcas que a conflagração social europeia passava a impor aos mais relevantes de seus contemporâneos.

Palavras-chave: Chico Buarque; Rubens Figueiredo; literatura e sociedade; desigualdade social.

Abstract

Narrative expedients by Chico Buarque and Rubens Figueiredo are analyzed in order to reveal how Brazilian social burden makes itself present in its constitution. Not just because they make the violence of inequality their subject in *Leite derramado* (2009) and *Passageiro do fim do dia* (2010), but by the poetic confrontation of the matter that, each author in his own way, assumes. To draw an affiliation line of the criticism present in both works, we return to the poetics of Machado de Assis, as well as to the marks that the European social conflagration had begun to impose on the most relevant of his contemporaries.

Keywords: Chico Buarque; Rubens Figueiredo; literature and society; social inequality.